

[Entrevistador]Câmera, ok. Áudio, ok. Um, dois, três. Grava. Torre de Copa. Olá, é um prazer enorme estar aqui. Nós somos dos projetos PPT, Patrimônio para Todos, e nós temos o maior prazer de estar aqui na biblioteca Adianto. E eu queria começar fazendo uma pergunta. Qual o nome de vocês?

[Sibele - Wesley]Meu nome é Sibele. Meu nome é Wesley.

[Entrevistador]Prazer em te conhecer. E eu queria fazer uma pergunta. Qual é a importância desse lugar para a comunidade?

[Sibele - Wesley]Eu acho que aqui acaba sendo uma realização coletiva das pessoas que moram ao redor, que por muito tempo não tiveram um espaço cultural para se desenvolver, para pensar o próprio espaço, pensar a vida. A Biblioteca Adianto ela vem para cá, mas antes tinha uma falta enorme.

[Entrevistador]Por que vocês consideram esse lugar tão especial para vocês?

[Sibele - Wesley] É difícil até falar. Tipo assim, começou... Era a nossa casa, né? Aqui, praticamente. A gente cresceu... Eu nasci aqui, Wesley cresceu aqui. Então, quando a gente transformou a nossa casa numa biblioteca e acabou que suprimos. Suprimimos, né? Muito... Como se eu fosse falar? A necessidade de muita gente. E até nossa mesma. Porque a gente estava perdido no mundo, né? Procurando um local, um sentido da vida, uma capacidade de abraçar. Depois a biblioteca mudou muita coisa.

[Entrevistador]Então vocês viram a necessidade, de criar uma biblioteca. E hoje em dia, quantas pessoas vocês armazenam aqui?

[Sibele - Wesley]Armazeno, porque estranho, né? Não, de boa, de boa. De boa. Eu já tive no mesmo corte de você, já passei pela formação de audiovisual e tal, tenho toda uma relação de nervosismo nas palavras, tranquilo. Mas aqui cabe uma galera, tá ligado? Aqui a gente já ficou, acho que, no máximo 60 pessoas aqui dentro. Foi na última festa do dia da festa junina da gente, uma quadrilha. Quadrilha, imagina aí, 60 pessoas aqui dentro. e teve dança foi um momento único da comunidade, muita gente reunindo-se confraternizando, coladinho assim tomando uma coisinha comendo um pratinho a festa rolando no meio de situações horríveis que vivem na periferia de Fortaleza como qualquer outro bairro mas tendo esse lugar de aconchego foi massa

[Entrevistador]Eu queria também saber qual é a constância que vocês fazem essas festas...

[Sibele - Wesley]Quando o money dá. É. É isso, né? Quando a gente... O money que eu acho que a Sibele fala é, tipo assim, quando o recurso acontece. Seja o dinheiro mesmo, assim, pra comprar, né? Pra pagar a energia. Pagar essa climatização aqui dentro. Pagar a internet. Acontece. A biblioteca fica aberta. Mas,

ao mesmo tempo, é o recurso humano, né? Quando as pessoas se disponibilizam e podem vir pra cá, trocar uma ideia. Entendeu? Quando... quando também as instituições reconhecem o que a gente está fazendo aqui e chegam junto com o apoio, abraçam a biblioteca como uma extensão social dentro do bairro. Acho que tudo isso tem a ver com o money, né? Também. Com o dinheiro também.

[Entrevistador] Vocês poderiam me dizer quando foi que, eu sei que teve a iniciativa, mas vocês lembram a data? E desde lá pra cá, existem algumas memórias que você já ouviu ou conhece de algumas pessoas que participam aqui?

[Sibele - Wesley] Em 2017. Em 2018, a gente conseguiu abrir uma casa. A gente abriu algumas portas e a gente começou a funcionar. Aí veio a pandemia. Mesmo assim a gente funcionou. Foi digital, não foi? Foi. E daí até hoje. A gente começou assim no gás, com programação para dois anos de atividade. A gente estava pensando uma coisa assim, um bagulho grande, comparado para o nosso bairro, né? Um bagulho grande assim para a minha rua, para a rua de trás e tal. Porque na minha época do rolê na rua, assim que estava como se estivesse, não tinha. Não tinha essa... Até tinha uns camaradas mais velhos, principalmente a galera do hip-hop, a galera do rap e tal, mas a gente tava sempre na rua, nessa exposição, tá exposto, né? Mais um lugar, assim, que, por exemplo, tem pivete aqui que vem pra cá, desde aquela época, só pra tá aqui, né? É um rolê. Estão ficando no ar condicionado, viajando aqui, perguntando, fazendo perguntas. Tem perguntas que eles fazem que eu não sei nem o que responder, mas estão aqui dentro. Estão aqui dentro, trocando ideia, estão pegando o livro. Estão tendo acesso à programação cultural. Por exemplo, o... alguns festivais já estão usando aqui o espaço como extensão de atividades aqui, a gente já recebeu atividade da Feira do Livro, a Bienal, a Bienal, a Bienal do Livro, alguns festivais do SESC que promove, alguns festivais independentes também lançamento de livro. A gente teve aqui a presença de vários camaradas e amigas que lançam livro e escolhem a biblioteca aqui para estar lançando as ideias e tal. E teve muito boa, não foi? Aquela festa que a Laís fez aqui com o nosso camarada ali. Tocou, não foi? Foi, foi, foi. Nós sabemos que movimentou o beco, o beco tá raro. O beco ficou animado, né? Teve um reggae aqui dentro, sabe? E assim, muito bom. Foi muito bom ver a galera à vontade, sabe? Num lugar assim, tranquilo. Aquela... Pô, tô num lugar legal. E eu acho que essa é a nossa função, o que a gente tá querendo. É o projeto... Claro, é mais complexo. Por exemplo, a gente se articula em uma rede de bibliotecas que estão em vários bairros. Então, tem problemas lá que a gente fica sabendo, que fica essa troca de ideia, essa troca de informação. E as guias ficam sabendo de coisas aqui. É uma relação segura. Eu estava até falando para a Sibele que, tipo, quando tem atividade em outras bibliotecas comunitárias, eu fico com muita vontade de ir. de chegar no Barroso, lá tem a Biblioteca Viva, lá no Junto Palmeiras tem a Biblioteca

Batepalmas, a gente sempre tá por lá. A gente teve uma atividade do Alastra, que é uma formação na área do hip hop, que desse ano, dessa versão que foi o quarto, foi circulação de uma oficina de grafite. Aí a gente grafitou três bibliotecas. Aqui, Adianto, grafitaram tudo porque os meninos são muito asilados. Aí o menino pode fazer tudo. O menino não veio. O menino não veio. Eles sabem que eles são asilados. Aí aqui a gente está tendo uma relação legal. Porque também tem essa parceria, uma parceria boa que está sendo constada, que é através do projeto Na Paz. Tem como articulador entre biblioteca e o Estado, é o Barney, a figura do Barney, professor de grafite daqui. Foi o cara que escolheu a biblioteca, foi ele que chegou pra gente, oferecendo a parceria e tal. E assim, é um cara que a gente tá super à vontade, super... Inclusive ele foi aluno de um projeto que o Wesley fez, que foi o Alastra, o primeiro Alastra. Primeiro Alastra, foi. Que foi de hip hop. Foi. Foi produção de rimas, não foi? Foi no começo e já pensamento da biblioteca, não foi? A gente estava pensando. E agora ele é... É o professor aqui. É o grande professor de grafite. Foi o cara que articula todo esse visual aqui dentro. E se vocês forem filmar, fazer foto, aqui atrás, esse beco aqui já está todo grafitado. Aqui está grafitado aqui. Enfim, se vocês quiserem, a gente pode ir lá para vocês tirarem umas fotos e tal, conhecer a atividade. E os meninos que estão fazendo grafite vão se sentir muito massa, porque o que eu vou chegar para eles? Vou dizer, ó, tem uma galera aqui que quer conhecer o trabalho de vocês. E isso, para essa geração, é importante o reconhecimento. Porque se não tiver o reconhecimento do bom, do que eles estão fazendo, vem outro tipo de reconhecimento.

[Entrevistador]Qual o sentimento de vocês quando estão aqui dentro, trabalhando?

[Sibele - Wesley]Depende. Tem dia que é engraçado, tem dia que é exaurido. Exaure a nossa energia. Porque a gente sabe o tanto que o território precisa e a gente não tem tanta energia. Mas tem momentos que é... um pivete ou então um vizinho aqui chega assim, que massa aquele livro lá que eu li e tal, que eu peguei aqui com vocês. Ah, e aquele cinema lá que a gente assistiu tal filme, me fez pensar sobre isso, sobre aquilo. Agora eu estou pensando até em trabalhar com essa área de negócio de arte, negócio de cultura. Assim vai... Eu tenho a sensação, sabe, de que a gente está fazendo... O sentimento que se dá é a gratidão, né? Estar aqui dentro, você ver como está hoje em dia, da hora que começou, né? De uma casa e virar isso tudo. E escutar só um... Eita, tem biblioteca. É foda demais. É gratidão. Tem muita coisa chamando a atenção da galera. Tem as coisas piores que todo mundo vê aí no jornal, mas também tem o celular, tem o fluxo de rede social que a gente sabe que está todo mundo exposto. Não é mais só as crianças, não é mais só a adulta. E as crianças estão aqui, vêm aqui trocar ideia, largar um pouquinho o celular e... Parar pra escutar a gente. Parar pra escutar nós, pra trocar ideia, pra trazer informação também. Esses dias

eu fiquei... Eu vi num pivete aqui, vizinho, nosso amigo Pedro. O menino chegou aqui e... Ei, tio. O senhor sabe que... Com todo o ferro que tem no corpo de um adulto de 30 anos, dá pra fazer um prego? E o que, mano? Eu fiquei, aonde foi que tu tirou isso? Não, no livro aqui e tal. Aí começou a me falar um monte de curiosidade que ele estava lendo. Eu, cara, jamais eu teve. Agora vocês vão ficar com essa informação. Porque eu fiquei assim, tudo que...

[Entrevistador]E para encerrar, eu queria saber se esse lugar aqui, essa história que vocês contaram, toda essa trajetória, se esse lugar pudesse falar o que ele diria para as pessoas...

[Sibele - Wesley]Eu diria que esse lugar diz assim, se organiza, meu povo. Se organiza. Porque isso aqui não veio do nada, não. Isso aqui é resultado de organização de três, quatro pessoas, cinco, seis. Aí vai aumentando a rede, as pessoas vão se envolvendo, vão... E eu acho que é isso. Essa é a intenção que a gente tem. Não tem como a gente suprir uma atividade do Cuca, por exemplo, a estrutura que o Cuca tem, ou então da Bess, que tem lá na aldeota. Não, a gente não tem, a gente nem vê como concorrência ou alguma coisa do tipo, mas a gente quer que as pessoas percebam que o micro, a coisinha pequena que você faz ali na sua rua e tal, faz a diferença, sabe? Tipo, Imagine aí pipocando biblioteca aí nos bairros. Se vocês forem pesquisar, eu acho que todo bairro que vocês passarem vão encontrar uma história de uma biblioteca. E eu acho isso foda de Fortaleza. Eu acho isso... Por exemplo, eu já fui para alguns lugares que não vi isso fora de Fortaleza. E nós... Nós, enquanto povo, a gente tem que ter uma autoestima. Eu falo assim, povo de Fortaleza, do Ceará, nós é foda.

[Entrevistador]Qual a mensagem que vocês querem deixar para o futuro?

Leão. Sabe? A mesma coisa que... Alguns podem, ah, tia, eu não gosto e tal, mas a única salvação que eu vejo em todas as formas é a leitura.

[Entrevistador]Muito obrigado, vocês estão fazendo um trabalho incrível realmente, porque eu acho que ajudou muitas pessoas, até tive muitas sugestões, porque hoje em dia a gente tem que ter um lugar para se acolher, porque às vezes até mesmo as crianças não têm acolhimento dentro de casa, então, assim, vocês estão transformando a vida de várias pessoas e acho que vocês talvez nem saibam disso. Muito obrigado, vocês, foi uma entrevista maravilhosa.

[Sibele - Wesley]Obrigado, obrigado. Obrigado.